Novos Sujeitos Coletivos e as Mídias Radicais no Brasil: A Cibercultura e a Mediação através do projeto Fotolibras [1]

Jonara Medeiros SIQUEIRA[2]
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O presente estudo é fruto de um trabalho realizado desde 2009, referente a monografia para conclusão do curso de jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, finalizada em 2010.Tais reflexões trazem apontamentos acerca da posição ocupada pelos surdos, mediadores do Fotolibras, projeto inédito de fotografia participativa com surdos no país. Nesse sentido, se investiga a ação dos integrantes do projeto em sua ação cultural e comunicativa expressa com a apropriação radical das tecnologias no campo da cibercultura para a produção de fotografias, vídeos, textos, exposições e interações em redes sociais como Twitter, Facebook, Flickr e You Tube. Desse modo, as atividades colaboram decisivamente para que os surdos saiam da antiga posição de incomunicação para o estimulante lugar de protagonistas de sua história e comunicação.

Palavras-chave: cibertcultura; cultura surda; mediações; mídia radical, direito humano à comunicação;

INTRODUÇÃO

O Brasil desponta, no cenário internacional, como um dos países onde o acesso da população à internet e às redes sociais vem crescendo, principalmente nos últimos cinco anos. De acordo com um estudo de Ibope/ Nielsen, em dezembro de 2009, o país possuía 67,5 milhões de internautas. Significa dizer que havia, naquele mês, mais de 30% do contingente populacional brasileiro na "rede". A pesquisa também revelou que o país ocupa a quinta posição no ranking das conexões à internet. Portanto, podemos falar que estamos às portas de uma revolução intensa no ato de apreender a realidade, o tempo e as ações cotidianas. Na era da interação mediada pelo computador e do surgimento de novas formas de interação e socialização com a possibilidade do compartilhamento de saberes e conhecimentos quase que imediato por meio das potencialidades abertas com tal navegação,

[1] Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestranda do Curso Profissional em Jornalismo da UFPB, email: jonaramedeiros@gmail.com

é cada vez maior a compreensão de que as identidades sociais estão sendo forjadas, também, com a participação das pessoas no Ciberespaço.

O estudo do Ibope/Nilsen, de 2009, também constatou que:

> 27,5 milhões acessam regularmente a Internet de casa, número que sobe para 36,4 milhões se considerados também os acesso do trabalho (jul/2009). 38% das pessoas acessam à web diariamente; 10% de quatro a seis vezes por semana; 21% de duas a três vezes por semana; 18% uma vez por semana. Somando,87% dos internautas brasileiros entram na internet semanalmente 3.

O acesso às redes sociais também pode ser considerado interessante. Uma pesquisa divulgada pelo Ibope, em maio de 2010, aponta que 85,6% dos internautas brasileiros acessaram alguma rede social no mês de março, de casa ou no trabalho. O levantamento revelou, ainda, que segundo a ferramenta online NetView, esse porcentual de 85% dá ao Brasil a liderança no ranking dos países que mais acessam sites como *Facebook, Twitter* e *Orkut.*

> Dias (2003) considera a acessibilidade como a possibilidade de qualquer pessoa, independente do tipo de tecnologia de navegação, ser capaz de interagir com sites, compreendendo as informações neles contidas de forma integral. Freire (2003) menciona que os recursos da tecnologia da informação e comunicação integram recursos verbais e não-verbais que caracterizam as interfaces dos programas de computador, possibilitando analisar o funcionamento discursivo da linguagem[4].

Nesse sentido, nosso trabalho dedica-se pois, à investigação de um desses coletivos que, não compartilham dos símbolos convencionais para o usufruto da comunicação e do fluxo informacional em todas as suas instâncias e linguagens, ou seja, a comunidade surda. Face à crescente inserção da população brasileira no mundo da Cibercultura, é imprescindível investigar como a cultura das mídias e a das redes digitais podem agregar ou afastar as populações que não desfrutam, no seu cotidiano, dos mesmos códigos e laços simbólicos de compartilhamento das mensagens. Para Martín-Barbero (2003), as redes são,

---

[3] Disponível em: http://info.abril.com.br/noticias/internet/brasileiro-e-o-que-mais-acessa-redes-sociais-12052010-23.shl. Acesso: 03/07/2013, às 18h.

[4] CORRADI & VIDOTTI in: http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/412/1/GT%208%20Txt%203-%20CORRADI.pdf . Acesso em 24/06/2013, às 15h40.

na atualidade, o local onde circulam: finanças, mercadorias, capital, mas também "um lugar de encontro" de pessoas, grupos, comunidades marginalizadas ou coletividades de pesquisas e trabalhos educativos. Nas grandes cidades, a ação de redes tem possibilitado a criação de grupos de discussão que, muitas vezes, acabam territorializando-se, passando da conexão para o encontro e do encontro para a ação.

Para além da produção de imagens que retratam a realidade cotidiana das culturas onde transitam, pelos meios de comunicação de massa, o importante é perceber que o processo comunicativo de surdo para surdo, muitas vezes mediado pelas tecnologías e ferramentas disponíbiulizadas pelas redes sociais, vem propiciando a emergência de novas sensibilidades e conexões. No caso dos surdos, diversas organizações e pessoas que estão compreendendo a importancia dessa participação em seu dia a dia. Estão descobrindo as potencialidades reais e imediatas de interação e ativismo com o acesso à Libras e à internet, fenômeno que dialoga com o pensamento de Henry Jenkins:

> Ainda estamos aprendendo como exercer esse poder - individual ou coletivamente - e ainda estamos lutando para definir as condições sob as quais nossa participação será permitida. Parte do que precisamos fazer é descobrir como - e por que - grupos com diferentes formações, projetos, pontos de vista e conhecimentos podem se ouvir e trabalhar juntos pelo bem comum. Temos muito o que aprender. (JENKINS, 2006, p. 381)

O Ciberespaço[5] pode ser definido como um lócus não apenas técnico de interconexão na rede mundial de computadores, a internet. Trata-se de um ambiente que possibilita o encontro e o compartilhamento de informações, ideias e conteúdos por meio de vários suportes/ferramentas. Uma das referências nesse campo, a obra do pesquisador Pierre Levy (1999), intitulada "Cibecultura", compreende o ciberespaço para além da infra-estrutura material da comunicação, mas, um conjunto de técnicas que estão sendo desenvolvidas em meio ao desenvolvimento desse novo modo de ser e estar no tempo e no universo.

Para além da virtualidade que, por vezes, emerge como mais real e pulsante do que a base material das relações sociais, o ciberespaço tem possibilitado a interação mediada pela tecnologia, o acesso de diversos segmentos potencialmente excluídos de lugares convencionais de comunicação, como rádio, televisão e jornais. A apropriação de tais

[5] A palavra, de origem americana, foi usada, pela primeira vez, por Willian Gibson, ao denominar um mundo de redes digitais e um lócus que possibilita o encontro mundial e que congrega o hipertexto, a multimídia interativa, a simulação, a realidade virtual, dentre outros.

suportes e a cada vez maior participação de movimentos sociais na rede têm possibilitado a emergência de sujeitos coletivos que, ao tomarem posse dos signos e códigos simbólicos circulantes desse mundo conseguem estabelecer contatos, produzir conteúdos, exercer sua posição de sujeitos ativos no campo da comunicação.

No caso da comunidade surda[6], integrante do que se convencionou denominar por pessoas com deficiência[7], por exemplo, é notória configuração de novas formas de socialização e interconexão e ativismo por meio da navegação nas redes sociais. Martín-Barbero (2003) discute a interpenetração da comunicação, tanto na cultura, quanto na tecnologia. Notamos que é imprescindível, nesse proceso, a aproximação da teoria com o cotidiano da apropriação dessa comunicação e dessa técnica pelos sujeitos envolvidos, também buscando desvendar o que eles estão fazendo com o que experimentam/aprendem/compartilham.

Desse modo, o acesso dos surdos, de modo organizado, às redes sociais como o *Twitter*, o *You Tube* e o *Facebook* tem potencializado a superação de limites à ação comunicativa deles e possibilitado a existência de novas dinâmicas de constituições identitárias com base na mediação técnica e na reconfiguração do tempo e do espaço na vida cotidiana. Desse modo, a imersão de tais sujeitos nessa "nova" universalidade pode ser problematizada no contexto de uma sociedade planetária também envolta em processos de midiatização que, em lugar de ampliar o leque de participantes, é regido pelo mercado que, de certo modo, acaba por excluir diversos segmentos desse lócus.

> A sociedade contemporânea (dita "pós-industrial") rege-se pela midiatização, quer dizer, pela tendência à virtualização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as

---

6 A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 42 milhões de pessoas acima de 3 anos de idade são portadoras de algum tipo de deficiência auditiva, de moderada a profunda. Há fontes que citam que as perdas auditivas na população mundial estão acima de 57 milhões. Já de acordo com o Censo do IBGE/2000, 24,5 milhões de brasileiros apresentam algum tipo de deficiência (o número corresponde a 14,5% da população total). Os dados apontam, ainda, que 4,6 milhões de pessoas possuem deficiência auditiva. O índice de surdos, no país, é de aproximadamente 5,7 milhões de pessoas.

7 Inúmeros pesquisadores compreendem a deficiência como todo e qualquer comprometimento que leva a restrições físicas, mentais, sensoriais, seja ela de origem permanente ou temporária, de maneira a comprometer a capacidade de exercer atividade essenciais para a vida cotidiana. A Constituição Federal, art. I, 1 e a Convenção no 159, da Organização Internacional do Trabalho, promulgada pelo Decreto no 129, de 22-5-1991, a identificam a pessoa com deficiência como aquela que apresenta, em caráter permanente, perda ou anormalidade de sua estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, que gere incapacidade para o desempenho de atividades dentro do padrão considerado normal para o ser humano.

> tecnologias da comunicação. (SODRÉ *in* MORAES, 2006, p. 20-21).

Partimos do pressuposto de que sem o exercício da liberdade de expressão, por conta das barreiras da exclusão social, agravadas com a alta concentração dos meios de produção dos bens simbólicos nas mãos de poucos grupos de mídia no Brasil, as pessoas surdas ficam cerceadas de desenvolver suas potencialidades comunicativas. Diante de tal constatação, notamos a inserção, cada vez mais intensa dessa população, por meio de um grupo em Pernambuco, (o projeto inédito, Fotolibras[8]), que atua nas redes eletrônicas e digitais como forma de ampliar seu ativismo e a conexão deles como a sociedade.

> Na internet, argumenta Pierre Lévy, as pessoas subordinam sua expertise individual a objetivos e fins comuns. "Ninguém sabe tudo. Todo o conhecimento reside na humanidade." A inteligência coletiva refere-se a essa capacidade das comunidades virtuais de alcançar a expertise combinada de seus membros. O que não podemos fazer ou saber sozinhos, agora podemos fazer coletivamente. E a organização de espectadores no que Lévy chama de comunidades de conhecimentos permite-lhes exercer maior poder agregado em suas negociações com produtores de mídia. (JENKINS, 2006, p. 56)

Integrantes da comunidade surda estão apreendendo, na prática, que a liberdade de expressão não pode ficar restrita à oralidade e que o uso do ciberespaço pode ser imprescindível, tanto para a socialização dos integrantes desses grupos, quanto para apreensão das libras, quanto para a facilitar seu acesso à informação. Em muitos casos, com a mediação das redes sociais e a participação nos movimentos sociais em escala mundial, no contato com outros sujeitos, eles descobrem o verdadeiro sentido da ação comunicativa.

Sendo assim, identificamos fortes traços no processo descrito com o que Jesús Martín-Barbero (2007) provoca, ao tratar do perfil dos mediadores: "São transmissores de uma mensagem, mas estão inseridos no tecido da cultura popular do bairro". No caso dos surdos, o conceito de comunidade passa a ter um significado para além da questão geográfica. Com a inserção nas redes sociais, tal definição ganha o aporte da tecnologia, das novas temporalidades e da interlocução com outros sujeitos que têm essa relação com base na identidade que é construída dessa interconexão entre a comunicação, a apropriação

[8] Projeto de fotografia participativa com surdos inédito no país que objetiva utilizar a fotografia como meio de expressão e comunicação, aumentando a visibilidade e a inclusão da comunidade surda na sociedade (http://www.fotolibras.org/).

técnica e o ativismo.

Os surdos como sujeitos coletivos no Brasil

Diante do cenário de "novos sujeitos coletivos", é importante trazer o pesquisador Boaventura de Souza Santos, que aponta que na sociedade atual, emergem "novos lugares de fala", por meio de ações coletivas de grupos com interesses comuns. Identificamos que um dos maiores desafios dessa comunidade surda é o de atuar como protagonista nos campos da cultura e da comunicação. Esses espaços são entendidos como ambientes que estão intimamente relacionados à construção da identidade do povo surdo em uma sociedade de falantes onde os meios de comunicação são forte referência.

> Conclui-se que a cultura surda é transmitida de geração em geração, através da língua de sinais, portanto, se faz necessário para a construção da identidade do "ser surdo", sendo um traço próprio do povo surdo, tornando possível a expressão das subjetividades. (STROBEL, 2008, p. 112)

> Em publicação anterior, no livro "As imagens do outro sobre a cultura surda", citamos: Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das 'almas' das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de um povo surdo. (STROBEL, 2008, p.22)

É bem verdade que os surdos têm diversas formas de expressão e de organização social. Além disso, há inúmeras experiências e grupos de surdos que se aliam de acordo com suas demandas e desejos de representação. Não podemos, apenas, compreender, no mosaico social onde trafegam identidades plurais e manifestações ecléticas, a existência de uma única cultura surda. Vamos passar a adotar, então, o termo "culturas surdas", não como uma forma de enquadramento, mas, de significação do que não pode ser classificado no singular por conta da riqueza de sua própria apresentação no tecido social.

E é dessa forma que as primeiras comunidades surdas do meio urbano surgem, no Brasil, como lugares de encontro, de troca de saberes, de conhecimentos e de reconhecimento de uma identidade das mais variadas expressões das culturas surdas. Esses grupos também surgiram como forma dos seus integrantes tentarem entender quais as particularidades da sua condição no mundo, ou mesmo, como preparação deles para lidar com as restrições impostas pelo fato de conviverem em um mundo socialmente estruturado,

apenas, para pessoas ouvintes. No Rio de Janeiro, nos anos de 1980, começam a emergir as manifestações mais interessantes de um movimento que veio a crescer em todo o país.

O maior ponto de contato entre esses sujeitos e culturas é a luta pela efetivação da Língua Brasileira de Sinais (Libras), não apenas como uma forma de comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, mas, como uma língua realmente reconhecida como nacional. Foi no bojo desses processos que surgiram a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), em 1984; as Federações Desportivas e 32 associações/sociedades em várias capitais e cidades de vários estados brasileiros filiadas à Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS)[9], que atua desde 1986 como:

> (...) uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos com finalidade sócio-cultural, assistencial e educacional que tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade Surda Brasileira. É filiada a Federação Mundial dos Surdos e suas atividades foram reconhecidas como de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal[10]'.

Contudo, movimento dos surdos ou das comunidades surdas cada vez mais não se restringe às ações da FENEIS e desafiou os questionamentos dos que trabalhavam com a perspectiva de desvalorizar a conquista da oficialização da Libras como uma linguagem reconhecida. Eles passaram, nos últimos dez anos, a ocupar mais ambientes de interação, como a internet, para difundir conhecimentos e dialogar com a sociedade.

> Com a oficialização da Libras, em abril de 2002, inicia-se a abertura de novos espaços para o povo surdo, mas ainda há rixas por parte de alguns profissionais que trabalham com sujeitos surdos e dos surdos oralizados. Para estes profissionais oralistas, a língua de sinais é limitada e primitiva, não sendo aconselhável seu uso, bem como acreditam que a mesma atrapalha no treinamento da fala e na integração dos surdos à sociedade. (STROBEL, 2008, p. 83)

Os Mediadores do Fotolibras e a produção de uma mídia radical

A eclética cena pública onde circulam informações trabalhadas pelos mediadores do Fotolibras, atravessada por uma complexa teia de relações entre as culturas surdas, pelas vozes hegemônicas e as articulações dos movimentos sociais em busca da efetivação do

[9] Integrante da Federação Mundial de Surdos.
[10] Informação disponível em: http://www.feneis.com.br/page/feneis.asp . Acesso em 21/06/20103, às 22h.

direito humano à comunicação de populações excluídas dos meios de comunicação de massa dialoga com as táticas de resistência implementadas pelas "mídias radicais".

> As mídias, entendidas em seu sentido mais amplo compreendem um complexo intricado de interesses, demandas e respostas, um conflito permanente entre as diferentes forças que as constituem (proprietários, patrocinadores, trabalhadores, cidadãos, políticos, militantes), além de envolverem também negociações com os sujeitos representados e com os públicos a que se destinam. (MACHADO apud DOWNING, 2002, p. 10/11)

O conceito, cunhado pelo pesquisador John D.H. Downing diz respeito a um trabalho coletivo, nascido nas culturas de oposição e fomentado pelos grupos de pressão e de resistência diante do poder midiático dos conglomerados privados. Inspirado em autores que problematizam a homogeneização e a mercantilização dos bens simbólicos, como Theodor Adorno e Max Horkheimer, o autor também interage com os conceitos de mediação e as problematizações apresentadas por Martín-Barbero ao identificar uma miscelânea de sujeitos coletivos produzindo a cultura.

Reflete, ainda, o autor, que quando uma parcela significativa de população começa a produzir, organizadamente, junto com movimentos sociais, essas mídias, atua como um tipo de recepção que não está somente reproduzindo a linguagem e a cultura do dominante. Tratam-se do que Arlindo Machado, ao comentar a obra de John D.H. Downing, relata:

> O autor [Downing] substitui conceitos antigos de público, espectador e leitor por uma idéia muito mais estimulante de audiência ativa, partindo do pressuposto de que as formas alternativas de mídia dão expressão às tendências mais avançadas de cultura popular, pressupondo, portanto, um público que elabora, ele próprio, os seus produtos, em lugar de apenas absorver passivamente as mensagens disseminadas pela grande mídia. A audiência ativa não é mais, como na mídia hegemônica, uma massa amorfa e indiferenciada de pessoas cuja única coisa em comum é o fato de estar sintonizadas em um mesmo canal, mas uma massa qualitativa de pessoas que mantêm uma relação dinâmica com determinados movimentos sociais, constituindo, portanto, uma esfera pública alternativa. Essa audiência se distingue nitidamente do conceito de público reduzido apenas ao seu aspecto de consumidor (de programas e também de produtos anunciados nesses programas), adotado nos estudos de comunicação de massa. Com isso, a abordagem de Downing finalmente libera a mídia de sua carga puramente mercadológica. (MACHADO, *apud* DOWNING, 2002. p.14/15)

Confrontando os conceitos de John D.H. Downing com a prática do Fotolibras, percebemos alguns pontos de contato, principalmente por conta da utilização não instrumental das ferramentas da fotografia, produção de vídeos, e com a interlocução entre surdos e ouvintes via internet. Mas, um é notável como as produções reforçam o trabalho de uma cultura surda como de resistência e de oposição aos modelos convencionais de circulação de informações. As ferramentas adquirem novos significados pela capacidade que elas oferecem de propagar as causas desses sujeitos e de propiciar contatos e produção de conhecimentos. Mas, a chave desse processo está no uso social que eles agregam quando estão manuseando-as.

Notamos que essa chegada dos surdos que participam dos projetos da entidade às mídias, se deu de modo não mercadológico, quebrando a ideia do consumo dos meios e da utilização da técnica como uma ponte para a entrada no mundo da cultura dos ouvintes. Dessa forma, o autor assevera que a "mídia radical" tem as seguintes características:

1) Expande o âmbito das informações a partir da troca, do diálogo, aspecto no qual a mídia convencional sai perdendo por não propiciar espaço às audiências;
2) Como tem relação íntima com os movimentos e lutas sociais, ela acaba sendo mais sensível e espontânea à exibição de múltiplos pontos de vista, que poderiam ser ridicularizados pelos outros meios;
3) Os assuntos pautados muitas vezes saem da mídia radical e chegam para a mídia de massa. Desse modo, o fluxo se dá de forma inversa no discurso circulante, do menor número para o mais numeroso;
4) A censura que está relacionada aos interesses do mercado não é aplicada às mídias radicais, todavia, não podemos esquecer de que a ideologia de quem está controlando essa produção pode ser evidenciada.

É importante ressaltar que não podemos, unicamente, compreender a ação da mídia radical como sendo unicamente "do bem", ou desconstrutora de preconceitos/opressões. Temos que considerar que esse tipo de mídia também é usada por movimentos racistas, elitistas e fundamentalistas religiosos. Portanto, não estamos, apenas, imaginando que essa comunicação sempre será feita com interesses humanos.

Destacamos, no projeto Fotolibras, a preocupação com a formação de redes de contato e compartilhamento de saberes, conhecimentos de surdo para surdo. Essa proposta

pode originar a criação de uma audiência ativa, até por ajudar a desconstruir, na prática, a ideia de que os meios de comunicação só podem abrir espaço para quem detém o poder da fala, o poder econômico e o poder midiático. A socialização dos conhecimentos sobre as ferramentas, junto com a intervenção dos surdos engajados na ação multiplicadora da organização, nos leva a pensar como a proliferação dessas expressões pode ajudar na saída desse público da invisibilidade e da incomunicação.

A constituição de espaços de poder, para John D.H. Downing é importante para a abertura de outras possibilidades de comunicação.

> No entanto, tais redes são essenciais, tanto para essa mídia, como para os movimentos sociais e políticos. Estamos lidando, nesse aspecto, com uma noção de audiência de mídia muito diferente da noção clássica, pois são os elementos da audiência que constituem membros ativos das redes sociais que, em épocas de turbulência social e crise política, com frequência, são os melhores arautos da novidade e os conselheiros mais bem informados acerca das estratégias dos movimentos para essas redes. É nesse enredo que encontramos os principais elos de comunicação entre a mídia radical alternativa e os movimentos sociais". (DOWNING, 2002, p. 70)

Mas, o que será que os surdos e ouvintes que atuam no Fotolibras estão buscando, ao ascender como sujeitos no processo de comunicação? Disseminar, pelas "mídias radicais", conteúdos que são frequentemente impedidos de aparição pública nos meios convencionais? Não estariam, os surdos, em suas culturas e manifestações, colaborando com a constituição de novos ambientes de resistência, via grupamentos no *Orkut,* campanhas no *Youtube, Twitter*, produções fotográficas e vídeos?

Entendemos que essas mídias, produzidas por uma audiência ativa que vai até as bases das comunidades do Recife para despertar novos olhares e retirar os surdos de sua incomunicação, podem ser os elementos que irão favorecer à adesão de mais pessoas à causas desses grupos. Desse modo, a compreensão da comunicação como um direito humano vai sendo consolidada em meio a essa comunidade, como uma resistência criativa, independente e plural às múltiplas formas de apagamento desses sujeitos. Podem ir além, ao servir como uma chama contínua, acesa e vibrante. "A mídia radical alternativa pode permitir que as pessoas engajadas em movimentos sociais comuniquem esses e outros discernimentos umas às outras. Não com sucesso automático, é claro" (DOWNING, 2002, p. 69).

Da apropriação da fotografia ao acesso à internet e às redes sociais

> A imagem tem um poder transformador. Se, por exemplo, eu vejo uma pessoa pobre e eu tiro uma foto dela para retratar a pobreza ou a fome, eu posso revelar coisas que eu vejo e que, de repente, outras pessoas não percebem. Eu também posso usar essa foto para chamar atenção para temas importantes, que são deixados de lado pelos órgãos de governo. Então, nós podemos nos comunicar através da fotografia. A fotografia pode ser um objeto transformador na vida das pessoas. (Tatiana Martins, multiplicadora e coordenadora surda do Fotolibras).

Como o projeto Fotolibras nasceu de uma demanda da comunidade surda por uma maior expressão e compartilhamento de seus saberes e da necessidade que seus integrantes sentiam em ter canais de comunicação entre eles e a sociedade, a participação direta dos protagonistas surdos nas iniciativas se dá de modo bem espontâneo. São os sujeitos surdos que sofrem as opressões os que se destacam nas oficinas, na elaboração de vídeos, na redação dos textos e nas exposições. As ferramentas e técnicas são apropriadas como métodos e estratégias comunicacionais para o envolvimento da comunidade surda nos projetos. Mais que isso: são, assim como a linguagem de libras, resgatadas como parte da resistência deles à imposição de uma cultura dominante que não os contempla em sua expressão midiática.

A aprendizagem não se dá, apenas, sob o ponto de vista dos surdos. Os ouvintes envolvidos com a iniciativa também estão aprendendo a lidar com seus próprios limites comunicacionais e a utilizar as ferramentas da fotografia, por exemplo, como forma de propiciar a comunicação entre as pessoas, como resgatam, Raquel Ellis e Vládia Lima.

> Participar do Fotolibras tem sido uma oportunidade incrível. Aprendi muito sobre a comunidade surda, sobre a fotografia como ferramenta de inclusão e pedagógica e também como trabalhar com pessoas surdas. A experiência quebrou muitos preconceitos que eu tinha, inconscientemente sobre pessoas surdas. Hoje em dia, vejo que a única diferença entre pessoas surdas e ouvintes é uma língua diferente. Para mim, como inglesa, isso foi muito interessante, pois o português é minha segunda língua e, de certa forma, isso me ajudou a me aproximar dos jovens surdos do projeto. Além disso, pude enxergar a questão de surdez de outra maneira, pois compartilhamos uma mesma dificuldade, o português. Mas, o projeto tem sido muito importante para mim, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. Ele me proporcionou inúmeras oportunidades de crescimento e de observar o mundo com um novo olhar. (Raquel Ellis, coordenadora ouvinte do Fotolibras)

> Por se tratar de pessoas que circulam numa cidade e em um país que pouco enxerga as especificidades desse público para questões ligadas a educação, cidadania, criação e produção cultural. Para a sociedade, são pessoas de certa forma invisíveis. Achei oportuno que através da fotografia pudéssemos estimular o exercício do olhar de um surdo para entender um pouco do universo de quem não se expressa através da fala, mas de outros sentidos. (Vládia Lima, fotógrafa e educadora ouvinte do projeto Fotolibras)

Mas, conseguir utilizar uma ferramenta, uma técnica comunicacional para tentar se aproximar da sociedade e dialogar com ela, não tem sido simples para os integrantes do projeto. Foi necessário passar por várias etapas da proposta do Fotolibras, como cursos, exposições e produções de texto e o ensino-aprendizagem de Libras para poder agregar novas pessoas ao projeto e qualificar os primeiros estudantes das turmas para que pudessem atuar, depois de 2007, como os multiplicadores da metodologia participativa para outros grupos de surdos. Essa rede já atingiu mais de 200 pessoas só em Pernambuco.

> Pra mim o projeto dá um entendimento bom, sim. Uma comunicação direta com o ouvinte e o surdo. Esse projeto divulga muito bem e a comunicação é ótima. Claro que muitos lugares não conhecem o nosso projeto, mas ainda vamos caminhar para todos conheçam e que muita gente ainda possa participar. Já chegamos a lugares em que os surdos não podiam nem imaginar que existia o Fotolibras e conseguir trocar a experiência com eles. Temos uma comunicação direta por meio da fotografia. Há uma integração com a família. A fotografia criou um ambiente de comunicação entre os parentes que não existia. Os amigos foram entendendo e nos respeitando mais por conta do nosso trabalho. Existe uma troca de sentimentos na comunicação. (Tatiana Martins, multiplicadora e coordenadora surda do Fotolibras)

Para os ouvintes inseridos no projeto, a aprendizagem das técnicas se dá de modo facilitado uma vez que os surdos envolvidos, de idades entre 18 e 35 anos, estão, invariavelmente integrados em uma cultura midiática que valoriza a inclusão digital. Muitos deles, nas comunidades, descobriram a internet (nas *lan houses*) como mecanismo de contato com o mundo, com outras realidades, com mais pessoas surdas. Portanto, de um modo geral, a chegada do Fotolibras às comunidades do Recife, por exemplo, encontrou nessa vivência dos surdos em redes sociais um facilitador para a discussão de outras linguagens como a da fotografia e a do vídeo.

> Acredito que a comunicação no fotolibras é muito grande. A metodologia de passar os conhecimentos de surdo para surdo, nos dá uma liberdade de pensar com mais segurança. O repasse de conhecimentos para outros surdos é bem mais fácil.

> Usar novas ferramentas também me deixa feliz. Esses ambientes nos permitem trocar informações com surdos de outros lugares e que vivem em situações diversas. Com toda a tecnologia e as redes sociais tenho um pensamento de que teremos muitos avanços para melhorar a comunicação. (Aymee Lucy, multiplicadora surda do Fotolibras).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mergulhar no universo do Fotolibras e da comunidade surda foi um grande desafio para uma ouvinte ainda muito "contaminada" com as "visões do outro sobre a cultura surda", como diz Karin Strobel. No entanto, o mundo desses sujeitos é enigmático, atraente e repleto de significações e de criatividade. Na verdade, é cheio de processos de comunicação desenvolvidos e aprimorados que constituem uma "cultura de resistência" e/ou, ao mesmo tempo, "cultura de oposição", nas palavras de John D.H. Downing. Portanto, estar em contato com esse movimento foi altamente enriquecedor para uma pesquisadora em formação que pretendo ir tecendo no decorrer do mestrado Profissional em Jornalismo, ferramentas de sensibilização para dar mais "sentido aos meios", criando um diálogo construtivo entre a mídia e a deficiência, traçando um caminho sensível sobre acessibilidade no Brasil.

Muitas reflexões sobre a melhor forma de desenvolver a pesquisa surgiram no contato com as pessoas do projeto Fotolibras e outros surdos que estavam conhecendo a proposta, ou mesmo, dialogando com ela. Ao final das entrevistas, revisão bibliográfica e leitura de inúmeros documentos publicados em sites de surdos e de organizações que atuam com o segmento, fiquei altamente inclinada a dizer que a comunidade surda realmente pode ser considerada como parte de uma "cultura de oposição".

Na verdade, essa cultura produz uma "mídia radical" que ultrapassa o sentido do que é alternativo. Os produtores dos conteúdos circulantes entre as diversas formas de comunicação (*sites, blogs*, *Twitter, Facebook, Orkut, Youtube*, fotos, vídeos, textos, exposições e etc) convergem para o estabelecimento de formas de contato, compartilhamento e interação. Desse modo, foi possível identificar que são estratégias de resistência e, ao mesmo tempo, de oposição a um modelo de comunicação excludente, que não contempla a pluralidade de sentidos e de pessoas existentes na sociedade.

Assim, compreendo a cultura surda como parte de um processo de utilização não instrumental das tecnologias para privilegiar vários lados da transmissão e recepção crítica da mensagem. Vejo o trabalho do Fotolibras como uma tática de aproximação e de

compartilhamento de experiências em ambientes novos para os surdos engajados. Eles passam a aprender fazendo, investigando e descobrindo as potencialidades de uma comunicação que não está atrelada, unicamente à oralidade e ao mercado.

É nesse rico contato que os multiplicadores, que, no trabalho classifico, com apoio nas teorias de Martín-Barbero, como mediadores, estão interagindo com jovens que se encantam com a possibilidade de exercer um direito que, pela ausência de emissão de sons, ou da audição, foi interditada para eles. Durante os cursos, oficinas e exposições eles percebem que são capazes de fazer "uma outra comunicação" . Essa forma é, ao mesmo tempo, descoberta e transformação.

Os mediadores do Fotolibras são "aqueles que estão inseridos na cultura surda". Ao mesmo tempo, eles atuam como "audiência ativa", uma vez que colaboram com a circulação de informações nas comunidades e lutam para que outros surdos se sintam atraídos pelo projeto. São aqueles que transitam entre o mundo dos ouvintes, por dentro dos movimentos sociais, e nas comunidades que agregam o povo surdo. São aqueles que desdobram seus conhecimentos e propiciam essa comunicação por diversos meios, quer sejam eles eletrônicos, ou não.

Tentar descobrir quem são, como fazem seu trabalho e os usos sociais que estão dando ao que apreendem no projeto também foi ter contato com ambientes repletos do silêncio que não significa isolamento. Traduzem uma profunda comunhão entre surdos que estão lutando pelo seu reconhecimento social e político a todo momento e, não apenas, quando incorporam um personagem no Fotolibras.

Outra constatação é de que eles são mediadores. Não estão mediadores. Desenvolveram essa habilidade com a integração à proposta e com a abertura para novos horizontes que o projeto proporcionou em suas existências. Todavia, a aprendizagem, deles, é contínua, em um processo de mútuas descobertas.

Conviver com os surdos foi reconhecer que o exercício do direito humano à comunicação não pode se restringir à ocupação de um lugar convencional e oralizado de fala, de voz na sociedade. É preciso que esse direito esteja para além dos limites do que a mídia hegemônica propaga. Somente dessa forma a comunicação será dialógica e plena em sua diversidade de conteúdos e de sujeitos que estarão em contato, em compartilhamento.

Sair dos guetos, para uma posição de trabalho e militância em uma cultura de resistência como os surdos organizados, de acordo com os dados coletados por esse estudo, requer uma reconfiguração urgente do próprio sentido da palavra comunicação. Palavra esta

de ímpar apropriação por aqueles que estão tentando cada vez mais ocupar um lugar de sujeito político em meio às lutas sociais reais que estão sendo travadas na cena pública.

REFERÊNCIAS

DOWNING, John D.H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. Tradução de Arlindo Machado. São Paulo: Editora Senac, 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. - 2.ed. - São Paulo : Aleph, 2009.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, J. Globalização comunicacional e transformação. *In*: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 57-86.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice** – O social e o político na Pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1999.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Dênis de. (Org.). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Maud, 2006.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora UFSC, 2008.